



Carlos Manuel Pereira Era uma vez um homem que vivia no Casal do Riacho

Em 10 de Setembro de 1746¹, a Inquisição deu ordem para que Maria da Rosa, moradora no Espargal da freguesia de Santiago, fosse presa e entregue no cárcere secreto do Santo Ofício em Lisboa, onde deu entrada sete dias depois. Vamos ver como os

Inquisidores Apostólicos contra a herética pravidade e apostasia na Cidade de Lisboa e seu distrito

2

descobriram uma pobre e infeliz rapariga, perdida no meio de nenhures, que dizia ser *natural do lugar da Brogueira e que tinha de idade dezassete anos que fez em domingo da rosa*

3

A Maria da Rosa vivia com a avó num casal perto do casal dos Castelos onde morava um tal Vicente Simão que terá feito chegar ao prior da freguesia a notícia do milagre numa imagem de cristo que suava água e sangue. O prior terá mandado o padre cura averiguar *se seria milagre verdadeiro ou se seria algum fingimento*

. O cura, quando se deslocou ao casal, terá incumbido *um vizinho homem temente a deus e outras pessoas mais que se pusessem ao pé da dita imagem e que não deixassem chegar pessoa alguma ao dito altar e observassem com muito cuidado se corria da dita imagem algum suor ou sangue*

e estando as ditas pessoas mais de vinte e quatro horas ao pé da dita imagem, vigiando o que lhe estava encomendado, viram que não correu mais água alguma nem sangue.

Entretanto o prior, por lhe constar que as pessoas continuavam a ir ver o milagre e *parecendo-lhe que tudo era fingimento e embuste, para evitar irreverências, mandou buscar a dita imagem e a pôs no seu oratório com decência e não houve mais demonstração alguma nem de suor nem de sangue*

. Acrescentou também o prior que a avó era pessoa de pouco juízo e capaz de ser enganada pela neta e que esta

também de pouca capacidade, com dezasseis ou dezassete anos de idade, e andar com grande ânsia de casar com um moço seu vizinho das Vendas cujo moço também queria casar com ela, e como a mãe do dito moço não quer que este case com ela, parece-lhe que a Maria da Rosa fazia aquele fingimento para ver se persuadia a mãe do moço que ela era pessoa de virtude e quisesse de boa vontade que seu filho casasse com ela

. Os testemunhos de vários vizinhos falam também dos cheliques que a Maria da Rosa tinha na presença deles e que eram sete almas que tinham entrado nela e estavam à espera de serem salvas e para isso reclamavam o cumprimento de várias promessas. Segundo a própria Maria da Rosa, o padre eterno vinha a sua casa para a ensinar a ler e, acompanhado de anjos, para dizer missa. Enfim, tudo lenha para se queimar.

Para a Inquisição não bastavam os testemunhos porque o que lhes interessava era ouvir da ré *uma confissão declarando a verdadeira intenção que teve em cometer os crimes. E se o fez para introduzir, como se presume com seus escandalosos fingimentos, erros e doutrinas novas opostas às verdades de nossa santa fé católica.*

A Inquisição temia o perigo da subversão da fé católica.

Maria da Rosa, após três meses de cárcere (das torturas não ficou registo), confessou que *achando-se ela em companhia de sua avó materna, passando muitas e gravíssimas necessidades, não tendo com que as poder remediar e vendo-se também abatida e desprezada de todos por causa da sua muita pobreza, entrou no pensamento de fingir alguma cousa de que se pudesse ficar entendendo que ela era mulher santa e virtuosa e particularmente favorecida de deus porque desta sorte poderia conciliar respeito e veneração de todos ficando mais estimada e seria também favorecida com largas esmolas de que muito necessitava*

.Como a confissão não agradou ao senhor inquisidor, lá voltou ao cárcere por mais seis meses, findos os quais voltou à presença do inquisidor para insistir que não teve outra intenção senão a que já tinha confessado.

Após mais três meses de insistências para que confessasse toda a verdade *para descargo de sua consciência e salvação de sua alma*

, ela manteve a mesma confissão e, finalmente, é mandado que

vá ao auto público de fé e nele ouça sua sentença. Será açoitada pela ruas públicas desta cidade e a degradam por tempo de três anos para a cidade de Leiria. Publicada foi a sentença à ré Maria da Rosa no auto público da fé que se celebrou em os 24 dias do mês de setembro de 1747, estando presentes el-rei nosso senhor dom João o 5º muita nobreza e povo.

Não consta, por pesquisa nos registos paroquiais, que a Maria da Rosa tenha voltado para Torres Novas após cumprir o degredo em Leiria.

Uma coisa é certa, se o céu dos católicos existe, se a justiça divina é mais decente que a da Inquisição, se a Maria da Rosa não decidiu, por exemplo, candidatar-se ao céu de outra religião, certamente, passados 200 anos, terá deixado o purgatório a caminho do céu, após o papa João Paulo II ter apresentado no ano 2000 um pedido de perdão pelos erros cometidos pela igreja católica ao longo da sua história.

1 - O processo por ser consultado em: <http://digitalq.dgarq.gov.pt/> com a referência: PT/TT/TSO-IL/028/08104

2 - As partes de texto em itálico foram extraídas do processo.

3 - Refere-se ao 4º domingo da quaresma.